



INCLUSÃO DA DANÇA NA ESCOLA: UMA EXPERIÊNCIA BEM SUCEDIDA

Vera Lúcia Medeiros de Albuquerque de Azambuja¹,
Daiana Viacelli Fernandes²,
Vanessa Amaral³

RESUMO

A educação física é muito mais do que manifestações esportivas, ela abrange a ginástica, o jogo, a luta e a dança. Mas apesar de decantado na teoria, não é isto que ocorre na prática. O Grupo de Estudos em Dança da UNISEP (União de Ensino do Sudoeste do Paraná) questionou o porquê da exclusão da dança na escola. Experiência pessoal, bibliografia e visitas às escolas sugeriram dois pontos básicos: não aceitação dos alunos e falta de preparo e/ou interesse por parte dos professores. Mas será que com professores interessados em dança os alunos aceitarão? Para responder a isto, criamos o Projeto Inclusão da Dança na Escola, focado nos anos finais do Ensino Fundamental. Foram aulas com periodicidade quinzenal. O Grupo de Estudo reunia-se semanalmente, avaliando as aulas e as reações da turma e propondo soluções aos problemas enfrentados, num constante replanejamento. A solução para o preconceito de gênero foi mesclar dança de rua com basquete, o que apresentou uma excelente aceitação e participação. Isto sugere que os alunos aceitam a dança e sua não utilização se deve muitas vezes a falta de vontade do professor.

Palavras-chave: dança, escola

ABSTRACT

Physical education is much more than sporting events, it covers the gym, play, fight and dance. But despite decanted in theory, this is not what occurs in practice. The Study Group Dance UNISEP (União de Ensino do Sudoeste do Paraná) questioned why the exclusion from the school dance. Personal experience, literature and visits to schools suggested two basic points: no acceptance of students and lack of preparation and / or interest on the part of teachers. But will dance with teachers interested in students accept? To answer this, we created the Inclusion Project at the School of Dance, focused in the final years of elementary school. There were classes with fortnightly. The Study Group met on a weekly basis, evaluating the lessons and the reactions of the class and proposing solutions to problems faced in a constant replanning. The solution to gender bias was merging street dance with basketball, which had an excellent acceptance and participation. This suggests that students accept the dance and non-use is often due to unwillingness of the teacher.

Keywords: dance, school

-
- 1 Professora da União de Ensino do Sudoeste do Paraná - UNISEP
 - 2 Acadêmica do curso Licenciatura em Educação Física da UNISEP
 - 3 Acadêmica do curso Licenciatura em Educação Física da UNISEP



RESUMEN

La educación física es mucho más que los acontecimientos deportivos, que cubre el gimnasio, jugar, luchar y bailar. Pero a pesar de que decantan en teoría, esto no es lo que ocurre en la práctica. El Grupo de Estudio de Danza UNISEP (União de Ensino do Sudoeste do Paraná) se preguntó por qué la exclusión de la escuela de baile. La experiencia personal, escuelas y literatura y visitas sugirió dos puntos básicos: no aceptación de los estudiantes y la falta de preparación y / o de interés por parte de los docentes. La danza será aceptado por los estudiantes enseñados con interés? Para responder a esto, hemos creado el Proyecto de Inclusión en la Escuela de Danza, se centró en los últimos años de la escuela primaria. Hubo clases con dos semanas. El Grupo de Estudio se reunió en una base semanal, la evaluación de las lecciones y las reacciones de la clase y proponer soluciones a los problemas que enfrentan en una nueva planificación constante. La solución a los prejuicios de género fue la fusión de danza de la calle con el baloncesto, que tuvo una excelente aceptación y participación. Esto sugiere que los estudiantes acepten la danza y la falta de uso es a menudo debido a la falta de voluntad del maestro.

Palabras claves: danza, la escuela

O presente estudo visa apresentar um relato de experiência do processo de inclusão da dança enquanto uma das manifestações da cultura corporal de movimento da Educação Física escolar. Este trabalho é fruto do Grupo de Estudos em Dança da UNISEP (União de ensino do Sudoeste do Paraná). Este Grupo reunia-se semanalmente na faculdade para ler e debater temas referentes a dança. A rotina dos encontros era a leitura e discussão de artigos científicos que falassem sobre a dança e a indicação de livros para leituras individuais. Nossas discussões focavam a dança como conteúdo e o que deveria ser contemplado neste conteúdo.

Paralelamente ao grupo os acadêmicos seguiam suas rotinas do curso, que envolvia a observação de aulas nas escolas. Com isto, era frequente em nossos diálogos o fato da dança, apesar de constar nos planejamentos, não figurar na prática dos professores. Buscando na literatura e em Trabalhos de Conclusão de Curso, percebemos que a falta de preparo dos professores e a não aceitação da dança por parte dos alunos apareciam como problemas centrais neste não aparecimento da dança na escola.

A partir disto, surgiu a pergunta inevitável: se o professor fosse preparado, o aluno aceitaria a dança? Para responder a isto, estruturamos o projeto de Inclusão da Dança na escola, com acadêmicos do grupo de estudo de dança ministrando aulas com periodicidade quinzenal durante cinco meses para as turmas das séries finais do Ensino Fundamental. O grupo de estudo reunia-se semanalmente discutindo os relatórios de aula e planejando ações futuras.

Este artigo é o relato desta experiência. Para tanto apresentamos a situação atual da dança no contexto da escola e a necessidade de uma mudança neste panorama, bem como a descrição das atividades realizadas com a respectiva reação da turma.

Educação Física: uma visão geral

O conteúdo da Educação Física escolar deve ser a cultura corporal do movimento (DARIDO e RANGEL, 2005; GONÇALVES, 2006). Essa cultura corporal consiste nas manifestações do jogo,



esporte, ginástica, dança e luta, estando definida como conteúdo estruturante pelas Diretrizes Curriculares Estaduais do Paraná.

Entretanto Bracht (1992 apud. BETTI, 1995) destaca que apesar da educação física alegar trabalhar todos esses conteúdos, a escola se restringe ao esporte. O “resto” está relegado a aquecimento para a prática esportiva. O esporte na escola está tão forte que subjuga a Educação Física a ele (COLETIVO DE AUTORES, 1992).

O espaço físico destinado a Educação Física é predominantemente voltado ao esporte devendo as outras práticas adaptar-se em locais alternativos (BETTI, 1995). Além do espaço físico, o material normalmente consiste em bolas, fornecendo o entendimento à comunidade escolar que a Educação Física é um espaço a ser jogado.

A dança na escola

Se a dança é um conteúdo estruturante e está presente no currículo do professor por que ela não é trabalhada? Alguns autores (BETTI, 1995) ao fazerem a mesma pergunta ressaltam a falta de aceitação, falta de material, comodismo, falta de motivação e falta de preparo. O que mais chama a atenção é o preconceito contra o movimento. Nossa sociedade valoriza o “chique, o educado, correto, civilizado e intelectual permanecer rígido” (STRAZZACAPPA, 2001). Este preconceito tanto pode ser por parte dos professores que consideram este conteúdo de menor valor, quanto por parte das crianças, principalmente meninos. Fato evidenciado pelos nomes alternativos dados a dança para disfarçá-la, como recreação, expressão corporal,... (MARCELINO; KNIJNIK, 2006)

Além de pouco trabalhada a dança muitas vezes é desenvolvida de forma fragmentada e desconexa ou apenas vinculada a apresentações em dias festivos com passos estereotipados e não contextualizados (DARIDO e RANGEL, 2005; BUOGO; LARA, 2011). Em outras vezes aparece como conteúdo extra-curricular, sendo destinado a poucos “habilidosos”, evidenciando que a dança não é para todos.

Conforme destaca Strazzacappa (2001) a ausência da atividade também é uma forma de educação, que reflete uma posição política na hora de selecionar, organizar e sistematizar o conteúdo. A educação para o não movimento, ou para um único tipo de movimento serve para domesticar o corpo.

Mas não acreditamos na educação para o não movimento, mas sim o contrário. A dança na escola é um conteúdo estruturante e, portanto, deve estar presente nas aulas de educação física nos aspectos culturais, sociais e históricos (PARANÁ, 2008). Para além dos modismos e passos decorados, a dança deve oportunizar o desenvolvimento de todos os domínios do comportamento humano (PACHECO, 1999; VERDERI, 2000). Isto inclui o desenvolvimento das capacidades perceptivas e motoras, conceitos acadêmicos, domínio cognitivo, domínio sócio-afetivo, a formação de um auto-conceito positivo e socialização (VERDERI, 2000).

Para tanto faz-se necessário uma sistematização dos conteúdos a serem trabalhados. Mas antes disto, precisa-se da entrada e aceitação da dança na escola. Desta forma, foi desenvolvido um projeto de inclusão deste conteúdo.

A experiência

As aulas de dança ocorreram durante o segundo semestre de 2010, com as turmas do ensino fundamental de 5ª a 8ª série do Colégio Unisep (União de Ensino do Sudoeste do Paraná), o qual se localiza na cidade de Dois Vizinhos, PR. O objetivo era a inclusão e avaliação da aceitação da dança



como conteúdo da disciplina de Educação Física, onde de fato os alunos pudessem ter a teoria e prática do conteúdo em questão.

Para tal foram cedidas pelo professor de Educação Física, uma aula a cada 15 dias para o projeto Dança na Escola. Nestas aulas o professor acompanharia e avaliaria o desenvolvimento dos alunos em disciplina, frequência e participação.

Ao início de toda aula procurou-se fazer uma introdução teórica a fim de conscientizar e esclarecer o conteúdo a ser trabalhado, bem como relacioná-lo a fatos do cotidiano dos alunos para que estes também possam contribuir nos diálogos.

Primeiramente foi desenvolvida uma aula na qual trabalhou-se deslocamentos simples (para frente, para trás, laterais e diagonais) dentro do estilo da Dança de Rua.

O que se pode observar é que no início da aula os alunos apresentavam muita timidez durante a problematização. Isto pode ser justificado por este ser o primeiro contato da maioria com a dança, além de ser o primeiro contato entre a estagiária e as turmas. No entanto no decorrer da aula muitos alunos passaram a apresentar mais naturalidade, em outras palavras, demonstravam estar mais confortáveis diante desta nova situação. Neste ponto vale ressaltar que as aulas foram direcionadas às características da faixa etária de cada turma e não visaram performances técnicas complexas.

Posteriormente, aplicou-se um trabalho baseado em formações e níveis, ainda nas características da Dança de Rua. Este estilo foi escolhido por perceber-se que usando-o inicialmente serviria para incluir principalmente o gênero masculino nas aulas, já que na região ainda há o preconceito contra os praticantes de dança.

Em sequência uniu-se o conteúdo trabalhado até o momento, no qual se pôde estabelecer e executar variações entre *formações* e *deslocamentos* em diferentes *níveis*. Desta forma, podemos explorar a noção de tempo e espaço, a consciência rítmica e a educação dos sentidos (GONÇALVES, 2006) Estimulou-se que os alunos também pudessem descobrir novas combinações entre estes elementos. Nesta fase houve certo contraste na reação dos alunos. Alguns sentiram-se mais integrados a aula, ou seja, sentiram estar participando ativamente do processo. Outros se inibiram pelo receio à exposição, ou ao julgamento de “errado” pela turma. Mesmo com a constante colocação por parte da estagiária de que as contribuições não seriam avaliadas como “corretas” ou “erradas”, e sim que o importante era o fato de haver esta contribuição, e que esta pudesse ser desenvolvida ou executada por todo grupo. Muitos alunos - na maioria meninos- ainda tinham dificuldade para participar desta etapa.

A partir disto, sentiu-se a necessidade de que a dança ultrapassasse a barreira do preconceito quanto ao gênero. Para tanto, a estagiária passou a aferir as preferências motoras dos meninos do colégio em geral. As atividades encontradas foram eminentemente esportivas. A maioria era passível de associação ao conteúdo da dança, no entanto estas ainda não pareciam ser a combinação necessária.

Em conversa com o professor de Educação Física da turma, procurou-se saber as modalidades esportivas preferidas dos alunos. Como era esperado, o futsal foi elegido como preferido pelos meninos e o vôlei elegido por parte das meninas. Mas outra modalidade também apresentava uma boa aceitação pelas turmas em questão: o basquete. Esta modalidade chama atenção pelas características de seus movimentos de jogo.

O basquete teve origem e desenvolvimento nos Estados Unidos, tornando-se a modalidade esportiva mais popular de seu país de origem. Mesmo país onde também foi origem da Dança de Rua, Hip-Hop. Sendo assim muitos praticantes da Dança de Rua também praticavam o Basquete,



principalmente o Basquete de Rua. Percebe-se que pela mesma origem também há características semelhantes em sua execução.

Por estas associações e pelo fato desta modalidade também não ser muito popular em nosso país, pareceu ser a combinação que se necessitava. Podemos dizer que utilizamos a estratégia da interdisciplinaridade (mesmo que na própria disciplina de Educação Física) como estratégia para viabilizar as descobertas das possibilidades de movimento (NANNI, 2002)

Ao iniciar a aula, era preciso que os alunos conhecessem ou relembressem brevemente alguns fundamentos e aspectos básicos do basquete: empunhadura e condução.

Após isto, foram associados estes fundamentos a demais movimentos, explorando deslocamentos, níveis, ritmo e diferentes formas de leitura da métrica: tempo, duplo tempo e contra tempo.

No decorrer desta aula pôde-se verificar finalmente, que diminuía consideravelmente a apatia ou receio dos meninos pela prática da Dança. Pois a aula iniciou com um sistema com o qual eles já estão habituados (uma modalidade esportiva). Depois associou-se os fundamentos da modalidade com um conteúdo mais específico da dança, o qual eles já tiveram contato nas aulas anteriores, dando maior segurança. Em relação as meninas, pôde-se perceber que se divertiram com a aula, já que puderam sentir que podem praticar diferentes modalidades esportivas, sem se isolarem em modalidades caracterizadas como “para meninas”.

Depois de esta meta ser alcançada, os alunos passaram a ser mais participativos. Este momento então foi escolhido para desenvolver a expressão, improvisação e criatividade, pois como ressalta Strazzacappa (2001), a dança na escola, além das capacidades motoras deve focar as capacidades criativas e imaginativas dos alunos. Foram realizadas atividades individuais, em duplas e em grupo onde os alunos poderiam utilizar tudo o que foi produzido e trabalhado durante as aulas. Ainda, os alunos deveriam executar estas atividades em som ou ritmo de diferentes estilos de música, ou seja, anexado a esta atividade ainda encontrava-se a interpretação e ritmo de cada estilo. Pois naturalmente o movimento em sua forma, intensidade e velocidade é diretamente influenciado pelo estímulo sonoro (uma música lenta, lembra movimentos lentos; uma música agitada lembra movimentos rápidos; ainda em relação aos estilos: música sertaneja lembra passos de dança country e etc.).

A primeira atividade era de execução individual, cada aluno deveria criar diferentes formas de deslocamento de um lado da sala para o outro, não podendo repetir seu movimento anterior. Logo iniciou-se as variações desta atividade, usando primeiramente os níveis, posteriormente as leituras de métrica. No fim os alunos puderam fazer a travessia da forma que mais lhes agradara, sendo que muitos pediram para executar “ida” e “volta” desta atividade.

Posteriormente a atividade se realizou em dupla, como um espelho, onde um aluno criava movimentos e outro copiava, ou repetia. Por fim o mesmo foi feito em grupo. Assim como na atividade anterior procurou-se explorar todo conhecimento adquirido até o momento, obviamente a segurança e naturalidade em expressão e movimento era visualmente maior do que ao início do trabalho de introdução da dança na escola.

Destacamos que todos os alunos realizaram estas atividades até a sequência do espelho. Esta maciça participação surpreendeu até o professor da turma. Percebia-se também a descontração dos alunos nas atividades e expressões faciais. O receio em participar de aulas de dança foi substituído pelo prazer da criação e improvisação de movimentos.

Considerações Finais



Desta forma, nossa experiência concorda com Darido e Rangel (2005) quando dizem que a dança “pode estar na escola de acordo com os pressupostos educacionais e ser adaptada conforme as necessidades e características do contexto escolar” (p.199). Ao ser mesclada com o esporte, a dança obteve seu bilhete de entrada para a prática destes alunos.

Vale ressaltar que a dança não necessariamente entrará em todas as salas pela mesma “porta”. O conhecimento da turma, seus dilemas, necessidades e anseios, são fundamentais para a contextualização do conteúdo. Se cada turma é única, a proposta de dança para cada uma deve ser diferenciada.

Com esta experiência percebemos que é possível adaptar a dança e incluí-la no contexto escolar. Há aceitação por parte dos alunos para o trabalho com os elementos básicos da dança.

Talvez o que falte ainda para a inclusão definitiva como conteúdo, seja a vontade do educador em incluí-la. Ou seja, é necessário que este saia de sua zona de conforto e desafie-se. Proponha coisas novas às suas turmas, pois ninguém pode não gostar do que não conhece.

Referências Bibliográficas

- BETTI, I. C. A. R. **Esporte na escola: mas é só isso, professor?** Motriz, v. 1, n. 1, p. 25-31, 1995.
- BUOGO, E.; LARA, L. M. **A educação física nas diretrizes curriculares da educação básica do Paraná: análise da dança como conteúdo estruturante.** Revista Brasileira de Ciências do Esporte, 2011.
- COLETIVO DE AUTORES. **Metodologia do Ensino da Educação Física.** São Paulo: Cortez, 1992.
- DARIDO, S. C. ; RANGEL, I. C. A. **Educação Física na escola: implicações para a prática pedagógica.** Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2005.
- GONÇALVES, N. L. G. **Metodologia do Ensino da Educação Física.** Curitiba: IBPEX, 2006.
- MARCELINO, E. P. ; KNIJNIK, J. D. **A Escola vai ao Baile?** Possíveis Relações entre Dança e Educação Física na Escola. Mackenzie de Educação Física e Esporte – Volume 5, número Especial, p. 65-72, set. 2006. Disponível em: <http://www.mackenzie.com.br/fileadmin/Graduacao/CCBS/Cursos/Educacao_Fisica/REMEFE-5-especial-2006/art07_edfis5nE.pdf> Acesso em: 18 de abril, 2011.
- NANNI, D. **Dança Educação: Princípios, Métodos e Técnicas.** 4.ed. Rio de Janeiro: Sprint, 2002.
- BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais : Educação Física /Secretaria de Educação Fundamental. Ensino de quinta a oitava séries.** Brasília : MEC /SEF, 1998.
- PACHECO, A. J. P. **Educação Física e Dança: Uma Análise Bibliográfica.** Pensar a Prática (UFG), Goiás, v.2, 1999. Disponível em: < <http://www.revistas.ufg.br/index.php/fe/article/viewArticle/148/2635#>> Acesso em 18 de abril, 2011.
- PARANÁ. Secretaria de Estado da Educação. **Diretrizes curriculares para o ensino fundamental educação física.** Curitiba: SEED, 2008.
- STRAZZACAPPA, M. M. **A educação e a fábrica de corpos: a dança na escola.** Cadernos do CEDES (UNICAMP), Campinas/SP, v. 1, n. 53, p. 69-83, 2001.
- VERDERI, E. B. L. P. **Dança na escola.** 2 ed. Rio de Janeiro: Sprint, 2000.



Instituição:

União de Ensino do Sudoeste do Paraná – UNISEP

Endereço para correspondência:

Caixa Postal 231, Dois Vizinhos, Paraná. CEP 85660-000

e-mail: vera@unisep.edu.br